

APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL VIA WHATSAPP: UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA

BIANCA LEGRAMANTE MARTINS¹; RAFAEL VETROMILLE-CASTRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – biancalegramante@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vetromillecastro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em nosso contexto atual, globalizado e interativo, é inegável perceber a presença da tecnologia em nossas vidas. Dessa forma, inúmeros são os estudos que têm sido desenvolvidos sobre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na educação e, mais especificamente, no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, sobre Mobile Assisted Language Learning (MALL).

Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar um grupo de aprendizagem de inglês como língua adicional, constituído por meio do aplicativo *whatsapp*. Esse aplicativo é gratuito, serve como ferramenta de envio e recebimento de mensagens de texto, imagens, áudio e vídeo, disponível para a grande maioria dos sistemas operacionais de dispositivos móveis. A partir disso, verificaremos como o grupo interage e se auto-organiza a partir de uma perspectiva ecológica, levando em conta fatores como emergência, propiciamentos, interação triádica e qualidade. A pesquisa situa-se na área de linguística aplicada, vinculada à linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas. Destacamos que o estudo é um recorte do projeto de pesquisa de dissertação em andamento sobre o tema.

Primeiramente falaremos sobre a utilização do termo língua adicional, na sequência será delineada breve contextualização acerca da aprendizagem via dispositivos móveis (MALL) e, em seguida, serão abordados aspectos referentes a uma perspectiva ecológica, para, posteriormente, fundamentarmos a metodologia e alguns dos resultados. Cumpre assinalar que utilizaremos o termo dispositivos móveis para nos referirmos *lato sensu* a *smartphones*.

Optamos por utilizar o termo língua adicional em vez de aquisição de segunda língua ou língua estrangeira (JUDD, TAN, WALBERG 2003), primeiramente por considerar que os estudantes podem estar aprendendo segunda ou terceira língua e que o termo ‘adicional’ está imbricado na aprendizagem de qualquer língua, exceto a materna. Por conseguinte, ponderamos que determinada língua pode não ser estrangeira ao aprendiz, caso seja falada em seu país de origem ou ele tenha contato mais próximo a ela. Percebemos, ainda, que o termo estrangeiro pode acarretar conotações indesejadas como língua estranha, exótica ou alheia. De modo geral, nossa opção metodológica pelo termo língua adicional representa que a língua aprendida não é superior ou inferior à língua nativa do aprendiz, apenas complementa seu repertório linguístico.

É possível perceber que estamos imersos em “um tempo de ‘aldeia global’ e ‘World Wide Web’ no qual a comunicação entre as pessoas tem se expandido para além das comunidades de fala locais”¹ (ELLIS, 1997:03). Isto posto, com a democratização do acesso à internet, a computadores e a *smartphones*, cada vez mais são rompidas as barreiras entre comunidades de fala locais. Com isso, têm

¹ Tradução nossa

surgido interações entre sujeitos de diversas partes do mundo e pertencentes a comunidades diferentes, o que ocorre, também, no âmbito da aprendizagem de línguas. Um fator importante para tal acontecimento pode ser visto a partir do vasto desenvolvimento dos meios de comunicação e, em especial, dos dispositivos móveis.

Assim, dentre os meios modernos de comunicação, os aparelhos móveis são um dos mais ricos, superando inclusive e-mails ou *chats*, apesar de possuírem certas limitações técnicas. Também são mais acessíveis e populares que *laptops*, por exemplo, sendo que possuem recursos semelhantes como *browser*, editores de imagem, câmeras, etc. Nesses dispositivos o aprendiz é capaz de controlar seu processo de aprendizagem, seu progresso em espaço próprio, com base nas suas capacidades cognitivas. Além disso, pensar sobre a aprendizagem por meio de dispositivos móveis também implica em uma mudança de foco no tocante à aprendizagem de línguas: deixar de abarcar exclusivamente a perspectiva do professor e passar a perceber o aprendiz como sujeito autônomo e gerente de sua aprendizagem. (MIANGAH, NEZERATH, 2012)

Klopfer (2002) propõe quatro propriedades fundamentais aos dispositivos móveis, a saber: portabilidade, interatividade social, sensibilidade contextual, conectividade e individualidade. A portabilidade se refere à possibilidade que esses dispositivos encerram de serem utilizados em diferentes lugares e espaços, principalmente devido ao seu formato portátil; a interatividade social significa que um aparelho propicia interações e trocas entre usuários e serviços; a sensibilidade contextual, por sua vez, implica que os dados dos dispositivos móveis podem ser compilados e respondidos a partir de um único lugar e de um único tempo; a conectividade está relacionada à possibilidade desses dispositivos se conectarem a outros, compartilharem informações e construir redes; por fim, a individualidade se refere ao fato de que todas as atividades podem ser customizadas para os aprendizes individualmente.

Chinnery (2006) pondera o papel dos telefones celulares no contexto de MALL como ferramentas instrucionais, o que vai ao encontro do proposto por Miangahe Nezerath (2012) que também os consideram como, por exemplo, lápis e calculadoras, equipamentos básicos no processo de aprendizagem do estudante. Ademais, ressaltam como fator importante a comunicação entre os aprendizes, pois a aprendizagem de uma língua alvo requer, *a priori*, interação. Importante frisar que a aprendizagem de segunda língua, nesse viés ou língua adicional, conforme acepção proposta, nem sempre ocorre em ambientes formais, como a sala de aula. Os aprendizes podem ter a oportunidade de aprender uma língua usando dispositivos móveis quando desejam e onde quer que estejam, a partir de engajamento ativo e oportunidades de ações e interações significativas, o que está relacionado aos propiciamentos, conforme abordagem ecológica, a qual será vista na sequência.

Van Lier (2003) situa ecologia como “o estudo das relações entre todos os diversos organismos e seu meio físico”² (2003:144). Nesse viés, o contexto possui papel fundamental, não podendo ser visto apenas como plano de fundo, mas devendo ocupar o foco do estudo. Ademais, fala que os linguistas educacionais, isto é, tanto o professor de língua quanto o aprendiz (e, nesse caso, nossa atenção será voltada ao segundo), devem observar “a entidade viva e aprender a entender criticamente o que um faz ao outro, por quem e para quem, na multiplicidade de ecossistemas semióticos nos quais a linguagem opera, ou melhor, coopera com outros processos” (VAN LIER, 2003: 145). E é com base na

² Tradução nossa

afirmação acima que desenvolvemos nossa pesquisa, analisando um grupo de aprendizagem de inglês via *whatsapp* como um uma entidade viva, percebendo sua constituição enquanto grupo, nas quais os sujeitos atuam ativamente e, a partir da linguagem, emergem processos de construção de sentido.

Ao percebermos o grupo por uma perspectiva ecológica, devemos levar em conta quatro aspectos, a saber: linguagem emerge de atividade semiótica; linguagem não surge de *input* que é processado, mas sim propiciamentos; linguagem não é transmitida de pessoa a pessoa por meio de diálogo ou monólogo, mas emerge de interação triádica; atividade linguística pode ser analisada em termos de qualidade (VAN LIER, 2003).

2. METODOLOGIA

A pesquisa ainda está em sua fase inicial. Estão sendo analisados diversos grupos de aprendizagem, compostos no aplicativo *whatsapp*, a fim de selecionar e constituir o *corpus* que servirá como base para construção de dissertação de mestrado sobre o tema. No trabalho ora proposto é apresentado um recorte desse trabalho, para o qual optamos por utilizar um grupo de aprendizagem intitulado *English Practice*. O grupo é composto por dezesseis membros, dos seguintes países: Ucrânia, Turquia, Peru, Brasil, Grã-Betanha, Tanzânia, Marrocos, Irã e República Dominicana. Suas interações foram observadas por um período de trinta dias. Importante frisar que a pesquisadora não interferiu nas interações, atuando apenas como observadora. O material coletado compreende textos, imagens, vídeos e áudios.

Partimos de uma abordagem êmica (TUDOR, 2003), na qual os dados auxiliaram no entendimento e compreensão da motivação dos participantes. Além disso, também foram levadas em conta as percepções dos participantes do grupo sobre seu processo de aprendizagem, o que permitiu olharmos para além da superfície e tentarmos verificar o significado de determinados eventos para os participantes. Em um primeiro momentos, visamos aspectos que reforçassem o papel do grupo a partir de uma perspectiva ecológica. Por conseguintes, buscamos verificar como ocorriam os seguintes processos: emergência, propiciamentos, interação triádica e qualidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora os resultados sejam preliminares, verificamos que o grupo supracitado pode ser percebido sob o viés de uma abordagem ecológica. Com base nisso, foi possível compreendermos que um grupo de aprendizagem através de *whatsapp* é, portanto, uma ação semiótica, pois a linguagem emerge e se torna parte constitutiva, principalmente por entendermos que a presença e influência de áudios, vídeos e imagens nesses grupos são vitais para o processo de aprendizagem da linguagem. Quando os aprendizes dialogam são partes de um contexto de ações que produzem significados, interlocutores, objetos e relações. A linguagem, a partir desse grupo, emerge como uma atividade personificada ou *embodied* (VAN LIER, 2002) e situada em um dado contexto. Também percebemos os propiciamentos a partir de formas significativas de se relacionar ao meio através da percepção em ação. A interação triádica pode ser percebida pelo fato de que os membros do grupo não trabalham frente a frente, mas cooperam um com o outro, através do grupo, com o foco em um "objeto"

comum, no caso a aprendizagem através das trocas entre eles. Sobre a qualidade, esse aspecto pode ser percebido a partir do engajamento dos membros do grupo, seu interesse e participação, o que influencia diretamente na qualidade da experiência que está sendo vivenciada. Por fim, para ilustrar alguns dos resultados, transcrevemos abaixo trecho de diálogo entre membros do grupo:

Participante 1: I'm happy to make some new friends in the whole world.

Participante 2: Yeah and the best thing we practice our language.

Participante 1: I agree with you because the communication was becoming so easy to share many things in our lives and share it with others.

Participante 3: Yes, I believe this group will change something in us that we didn't have.

Participante 2: Of course because of the cultures interaction.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que a relevância deste trabalho resida no fato de não termos encontrado, até então, pesquisas acadêmicas sobre o aplicativo *whatsapp* em relação à aprendizagem de línguas. Além disso, a partir da análise do grupo supracitado foi possível compreendermos que a aprendizagem do inglês não ocorre simplesmente por meio de diálogos, mas é pautada pela interação triádica. Embora os participantes não estejam frente a frente, atuam em conjunto e com o objetivo comum de aprender inglês, utilizando a própria linguagem como uma ferramenta, e o grupo no aplicativo *whatsapp* pode ser percebido como um terceiro interlocutor da interação. Assim, os sujeitos engajados e atuando em conjunto com o próprio grupo constituem essa interação triádica. (VAN LIER, 2002)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHINNERY, M. G. Emerging Technologies Going to the MALL: Mobile Assisted Language Learning. *Language Learning & Technology*, 10 (1), 9-16, 2006.

JUDD, E. L.; TAN, L.; WALBERG, H. J. Teaching additional languages. UNESCO. International Academy of Education. International Bureau of Education, 2003.

KLOPFER, E.; K. SQUIRE, and H. JENKINS. Environmental Detectives: PDAs as a window into a virtual simulated world. *Proceedings of IEEE International Workshop on Wireless and Mobile Technologies in Education*. Vaxjo, Sweden: IEEE Computer Society, pp. 95-98, 2002.

MIANGAH, T. M; NEZERAT, A. Mobile Assisted Language Learning. *International Journal of Distributed and Parallel Systems (IJDPS)* Vol.3, No.1, January 2012.

TUDOR, I. Learning to live with complexity: towards an ecological perspective on language teaching. *System* 31, 2003. p. 1-12.

VAN LIER, L. An ecological-semiotic perspective on language and linguistics. In: KRAMSCH, C. *Language acquisition and socialization*. New York: Continuum, 2002. p. 140-164.